

A presença britânica na Corte Imperial

The british presence in the Imperial City of brazil

Sylvia Ewel Lenz*

Artigo recebido em outubro de 2008 e aprovado em novembro de 2008

Resumo:

Apresento as recentes reflexões sobre imigração, temporária ou definitiva, de britânicos na corte imperial, um tema pouco abordado pela historiografia brasileira. Superando a visão da preeminência econômica da Grã-Bretanha sobre o Brasil, considera-se a história social de negociantes, tripulantes, ex-mercenários irlandeses, engenheiros e seu cotidiano numa nação católica romana e escravocrata.

Palavras-chave:

relações comerciais; anglicismo; cotidiano.

Abstract:

Herewith I present some reflections about the British immigration, temporary or definitive to Rio de Janeiro, rarely approached by the Brazilian historiography. Beyond the Great Britain economical preeminence on Brazil the social History of merchants, navy workers, mercenaries, engineers and their daily life in a Roman Catholic and slavery nation are taken into account.

Keywords:

trade relations; Anglicism; daily life

Os negociantes estrangeiros do Rio deixaram-me espantado por constituírem algo parecido com uma ordem de monges. Quase todos são solteiros, desde os trinta aos sessenta anos. Suas residências, como os mosteiros, não contêm mulheres. Procuram acumular os meios de gozar a vida, continuam a trabalhar desta forma, até ter desaparecido toda sua capacidade de desfrutá-la¹.

* Profa. Associada da Universidade Estadual de Londrina; Pós-doutoranda no PPGHIS da UERJ

¹ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1971, p. 153.

Invasiva ou discreta?

Apesar da diretriz conservadora do Congresso de Viena, em 1815, a presença britânica na condução das negociações diplomáticas também promoveu uma agenda liberal tal como o compromisso pelo fim do tráfico de escravos². Esta medida foi logo acatada pela Suécia, Dinamarca e Holanda, rebatida pelos países católicos – França, Espanha e Portugal, mas, em tendência, aderida pelas repúblicas sul-americanas que se formaram depois. Além disto, Portugal, ao invés de voltar sediar a coroa na Metrópole europeia, recorreu à elevação do Brasil a Reino Unido de modo que: “pondo termo à condição colonial da América Portuguesa, além do reconhecimento do estágio de evolução das gentes brasileiras, oferece também particular significado no plano internacional, pela tentativa de afirmação de uma comunidade política transcontinental.”³

Afinal, decorrente das guerras napoleônicas, soberanos tiveram de se refugiar em cortes aliadas, exceto a monarquia lusa, a única que se manteve no poder mediante transferência da corte para a colônia com apoio naval e bélico da Grã-Bretanha. Tal vitória, da coroa sobre o domínio francês, implicou em comércio britânico direto com o Brasil, monopolizado somente durante o embargo econômico imposto por Napoleão à Europa Continental. Mas o corpo político da Península deparou-se com a súbita estagnação da economia desviada para a colônia, levando ao caos social entre os súditos abandonados. Primeiro à mercê dos desmandos da soldadesca gaulesa, a seguir sob proteção britânica e participação militar nas Guerras Peninsulares⁴.

Tão logo a paz foi consolidada, demais europeus para cá vieram em fuga do caos pós-guerra – negociantes com as suas firmas de importação e exportação, buscavam oportunidades mercantis – compra de produtos coloniais e venda de bens industriais. Davam continuidade às antigas relações comerciais com Portugal – tais como os hanseáticos, holandeses e escandinavos. Também vieram muitos artífices fugindo de uma Europa depauperada, além de naturalistas russos e austríacos e dos artistas franceses acolhidos em missão pela antiga corte rival.

Era uma maneira de contrapor a predominância britânica na corte lusa cujo soberano também recorreu ao apoio diplomático da dinastia Habsburgo mediante a antiga prática da aliança matrimonial. Já a Prússia procurou inserir-se na economia mundial mesmo sem ter

² NICOLSON, Harald. *The Congress of Vienna*. London: Methuen & Co, 1970, pp. 211-215.

³ MARTINEZ, Pedro Soares. *História Diplomática de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1986, p. 317.

⁴ *Ibidem*, pp 221-227.

tradição comercial – para tanto, usou da estrutura naval e portuária das cidades hanseáticas de Bremen e Hamburgo. Assim, embora tenha se tornado usual criticar as tarifas aduaneiras e outras regalias concedidas por D. João VI aos britânicos, desde a abertura dos portos, em 1808, aos Tratados de 1810, de 1817 e de 1827⁵, deve-se lembrar dos altos custos da esquadra inglesa para salvaguardar a antiga dinastia Bragança e seu séquito cortês dos exércitos napoleônicos.

Tais tratados selados representavam um negócio bélico, como o já fechado em Utrecht após a libertação do jugo espanhol (1580-1640). Afinal, novamente, fora a Grã Bretanha e não a França absolutista, que entrara com poderio naval e militar em prol de Portugal que, de outro modo, ter-se-ia tornado súdito eterno da coroa castelhana durante os seiscentos e setecentos. De forma semelhante, antes de se tornar colônia da França, tal qual Argélia, em troca do protetorado britânico, a coroa lusa concedeu vantagens comerciais ao seu aliado insular - uma diplomacia de amizade, comércio e navegação com amigos e negócios incluídos (não à parte...). Mas apesar da proclamada abertura dos portos, tais foram limitados aos do Rio, Salvador, Recife no Estado do Brasil; São Luis e Belém, no Estado de Grão-Pará e Maranhão.

Quanto aos demais privilégios há de se considerar a experiência do governo inglês em termos de relações exteriores, consulares e econômicas com o antigo aliado ibérico. Além disto, o convívio diário de mercadores, oficiais e tripulantes reformados na Lisboa inquisitorial, fizeram-nos cercar-se de cuidados tais como o direito a um terreno para enterrar seus mortos além de uma jurisdição própria para julgar discórdias entre os súditos. Apesar de soarem como privilégios especiais, há de se considerar o altíssimo grau de intolerância religiosa nos países católicos, em especial os ibéricos e mesmo na França, em plena época iluminista.

Afinal, mesmo com as reformas pombalinas anti-jesuíticas, as novas tendências seculares e liberais, o espectro inquisitorial rondava, como os fantasmas dos castelos, as cabeças dos britânicos recém-chegados, anglicanos rechaçados pelos católicos, pois romperam com o Papa no século XVI. Deve-se esclarecer que a Igreja Episcopal Anglicana confessa-se católica por ser cristã e universal; episcopal por manter a hierarquia dos bispados; apostólica por seguir os ensinamentos dos apóstolos; protestante por ter aderido a inovações das reformadas, inclusive ao romper com a instituição política do Papado⁶: “ Durante

⁵ CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2ª. Ed. Brasília: UnB, 2002.

⁶ KICKHÖFEL, Oswaldo. *Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Secretaria Geral da IEAB, 1995, p. 23.

mais de mil anos, a Igreja da Inglaterra esteve sob o domínio direto de Roma. Agora esta antiga filiação eclesiástica havia sido interrompida por um ato do Estado. Todos poderes do Papa foram transferidos para o Rei para o Arcebispo de Cantuária.”⁷

Ressaltemos a escassez da economia britânica bloqueada em seu comércio com a Europa continental, mercadorias encalhadas em grandes estoques e produção industrial estancada. Também os negociantes fugiam da crise decorrente das guerras napoleônicas fundando casas comerciais que importaram produtos que não tinham lugar para armazenagem nem serventia para os poucos compradores. Logo se via caixas ao léu, pelas areias das praias, sob sol e chuva e saques. Os negociantes locais os hostilizavam, o populacho os via como heréticos, bizarros e gananciosos.

Neste sentido, é compreensível as exigências feitas pelo governo britânico em prol de seus súditos mas que também resguardaram demais protestantes e mesmo judeus – e ateus – liberdade de culto e de um local cemitério próprio para fazer os corpos que de outro modo eram lançados ao mar ou enterrados ao longo das praias. Nas questões litigiosas entre os súditos, primou o direito costumeiro inglês mediante a fundação da Conservatória de Juízes com jurisdição própria para os súditos britânicos.

Todavia, não houve só uma invasão de mercadorias encalhadas lá e cá, mas também o recurso a profissionais fundamentais para consolidar o jovem Império em meio às dissidências internas. Afinal, em janeiro de 1822, o monarca bragantino, auto intitulado Imperador D. Pedro I, espelhando-se em Napoleão, fundou o Batalhão de Estrangeiros formado por oficiais e soldadesca dos Estados alemães; e não por soldados-cidadão conforme instituído pela França revolucionária. Acossados pela dispensa militar em tempos de paz, de oficiais renomados a simples soldadesca, aceitaram servir em exércitos alienígenas, em prol de uma pátria que não a própria. Serviram, pois como mercenários de um Imperador luso, em prol de causas brasílicas enviando-os às centenas para as guerras na Cisplatina.

O fracasso bélico demandou também o aliciamento de camponeses irlandeses, expulsos pela Grande Fome naquela região das Ilhas Britânicas. Em março de 1823, o soberano também contratou os serviços bélico-marítimos do Almirante Alexander Cochrane, discípulo do herói britânico Nelson. Assim, em terra, nosso exército “nacional” foi formado por mercenários alemães, protestantes, que vinham lutar em troca de soldos – sempre pagos com atraso e sob disciplina desu-

⁷ Idem.

mana – e não pela pátria. E no mar, contou com a experiência corsária, marginal à *British Royal Navy*, formada por corsos e sua marujada experiente em batalhas e as recompensas decorrentes.

A seguir, apresento algumas obras sobre o tema e a documentação a ser pesquisada nesta pesquisa, afinal:

Formam eles (os estrangeiros) a parte principal da população, dedicando-se, quase todos, aos comércio e ao artesanato. Suas relações com os brasileiros são apenas superficiais, a não ser que estejam ligados por casamentos às famílias do país. Mesmo assim, as relações entre uns e outros não aumentam muito, posto que a sociabilidade não faz parte dos hábitos dos brasileiros. (...)Os estrangeiros mantêm relações mais íntimas. No Rio, existe uma sociedade recreativa alemã, a Germania, com prédio próprio, mantendo uma biblioteca e até jornais. (...)a comunhão dos protestantes alemães, que (...)mantém um pastor alemão pago pela comuna e substituído de seis em seis anos (...)Os ingleses foram outra colônia, com sua igreja na rua dos Barbonos (...), e seu cemitério na praia da Gamboa, é onde são sepultados todos os protestantes.⁸

Por ter deparado com os ingleses durante a pesquisa sobre os alemães nesta cidade,⁹ resolvi, posteriormente, elaborar um estudo sobre os mesmos pois, embora a Grande Imigração tenha-se dado em fins de oitocentos, foi precedida pela transferência da corte e seu imenso séquito seguida pelos britânicos e, após 1816, pelos demais estrangeiros, em geral, protestantes.

Notas sobre os britânicos

Na historiografia brasileira e em memórias sobre o Rio de Janeiro, há algumas referências sobre as modas francesas e seus produtos de luxo, cujas lojas de retalho expulsou das principais ruas do centro, o comércio atacadista britânico¹⁰. Em geral, ignoram-se os traços estrangeiros nos espaços não só da corte imperial como da capital republicana mas basta circular na Lapa, em torno da Praça Cruz Vermelha, para perceber a diversidade cultural desta presença. Em termos de sociabilidade temos uma belíssima Sinagoga com motivos mouriscos, a Igreja Ortodoxa de São Nicolau que atende à comunidade árabe, a Paróquia

⁸ BUERMEISTER, Herrmann. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EdUSP, 1981. pp.70-71

⁹ Adaptada, publicada sob o título *Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1816-1866)*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

¹⁰ Conforme Adolfo Morales de Los Rios Filho, *O Rio de Janeiro Imperial*, de 1943, reeditada pela Topbooks.

Marthin Luther com seus concertos de órgão abertos ao público, as Irmandades Católicas, o Templo Maçônico do Oriente, diversas seitas evangélicas, os centros espíritas – de tradição africana à kardecista, além das casas de artigos religiosos para todos tipos de fé... Para as necessidades do corpo, a presença internacional da Cruz Vermelha, cujas origens remetem à Guerra da Criméia, além dos inúmeros hospitais como o do Câncer, além do Espanhol e do Português.

A coletânea organizada por Ângela de Castro Gomes apresentou artigos sobre colônias e imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, libaneses, alemães e suíços; na *Revista do Arquivo Nacional*, predominam nos artigos sobre a temática aqueles sobre os portugueses, além de artigos sobre japoneses, árabes, judeus e alemães no Brasil¹¹. Estes imigrantes não vinham somente da área rural, conforme atestam inúmeras pesquisas sobre os alemães e italianos no sul, como também eram citadinos – comerciantes, fabricantes, prestadores de serviços. Quanto aos alemães imigraram tanto para as colônias como para cidades ao sul do país, além de Recife e Salvador, na condição de artífices e de comerciantes¹². Mas e quanto aos ingleses, escoceses e irlandeses? As lacunas aparentemente são grandes na História, apesar da propagação da preeminência britânica tanto econômica quanto diplomática.

Gilberto Freyre pode ter sido o primeiro ao tratar sobre os *Inglese no Brasil*, publicado em 1948, pelo qual o autor foi homenageado com o título de *Knight* pela monarquia britânica¹³. Nele há muitas informações dispersas, concentradas principalmente nas contribuições econômicas até, alimentares da presença dos britânicos, principalmente no Nordeste e na Corte imperial. Mostra também as difíceis relações entre os anglosaxões protestantes em uma sociedade impregnada por um catolicismo canhestro, mas presente e discriminador além do preconceito dos luso-brasileiros contra usos e costumes dos nórdicos em geral.

Outra obra de referência é a de Allan Manchester, *Preeminência Britânica no Brasil*, densa e detalhada, em que o autor, baseado em vasta documentação do *Foreign Office*, reconstrói o período hegemônico dos britânicos durante o governo imperial¹⁴. Não obstante, discretamente aponta para a resistência dos dirigentes brasílicos em cumprir os acordos diplomáticos. Assim, a agenda do fim do tráfico negreiro que se

¹¹ GOMES, Ângela de Castro. (org) *História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000; *ACERVO – Revista do Arquivo Nacional*. “Imigração”. V.10, n.2 jul/dez 1997.

¹² FREYRE, Gilberto. *Nós e a Europa germânica*. Rio de Janeiro: Griffo/INL, 1971.

¹³ FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2ª. Ed. , 1977.

¹⁴ MANCHESTER, Allan. *Preeminência inglesa no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

arrastou de 1840 a 1850 em prol dos interesses da elite escravocrata, tanto os negociantes quanto os proprietários coloniais de terras¹⁵.

Afora o atraso ou mesmo calote no pagamento aos corsos que lutaram pelo Império contra as rebeliões regionais conforme Nélio Galsky publicou on-line, em sua dissertação com tema ousado e silenciado. Trata-se da contribuição da marinha corsa britânica na manutenção da unidade territorial do Império do Brasil, incluindo a anexação do Estado de Grão-Pará e Maranhão, hoje, nada mais nem menos do que a disputadíssima Amazônia¹⁶.

No que tange ao cotidiano, mediante pesquisas virtuais, há dois historiadores britânicos que abordam a imigração urbana de anglos em Salvador e da colonização irlandesa ao sul do país. Em seu livro sobre os mercadores britânicos na Bahia, Louise Guenther apresenta a vida dos negociantes, a capelania protestante e o cemitério dos ingleses em meio ao Recôncavo quente, úmido, escravocrata¹⁷. Um artigo seu trata sobre a vida privada e o cotidiano dos anglo-baianos, dos choques culturais, de costumes bizarros em meio à manutenção de hábitos britânicos pelas suas famílias – vestuário, alimentação¹⁸. Recentemente, outro autor, Oliver Marshall publicou sobre a imigração de colonos nas províncias do sul do Brasil, favorável aos britânicos católicos¹⁹, posto que 1801, a Irlanda fora incorporada ao Reino Unido da Grã-Bretanha.

Ou seja, as críticas acadêmicas e do senso comum sobre as vantagens tarifárias concedidas por D. João VI aos britânicos, em 1808, firmadas nos tratados diplomáticos de 1810, tratam do comércio exterior de produtos ingleses que afetou o comércio varejista dos portugueses. Entretanto, a historiografia silencia sobre o papel de forças armadas estrangeiras na consolidação do império brasílico. No exército de D. Pedro I, centenas de alemães, e alguns irlandeses, foram sujeitos às rigorosíssima disciplina dos quartéis, sob total ausência de critérios punitivos que chegavam a 500 pranchadas; além de servirem como bucha de canhão nas guerras cisplatinas.

¹⁵ BETHEL, Leslie. *A abolição do comércio brasileiro de escravos*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1976.

¹⁶ GALSKEY, Nélio. *Mercenários ou libertários: as motivações para o engajamento do Almirante Cochrane e seu grupo nas lutas de independência do Brasil*. UFF, PPGHIS, 2006.

¹⁷ GUENTHER, Louise. *British Merchants in 19th Century Brazil: business, culture, and identity in Bahia, 1808-1850*. Oxford University Press, 2004.

¹⁸ GUENTHER, Louise. *The British Community of 19th Century Bahia: public and private lives*. University of Oxford Centre for Brazilian Studies. Working Paper Number CBS-32-2, 2001-2001

¹⁹ MARSHALL, Oliver. *English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in 19th Century Brazil*. Oxford University Press, 2005.

Na marinha, o governo imperial contratou o serviço de corsos e suas tripulações, experientes em batalhas navais, em que houve calote por parte do governo. Neste sentido, se por um lado o comerciante comum teve prejuízo em seu negócio varejista, a elite imperial ganhou extensos territórios ao norte além de ter reprimido o populacho nas diversas rebeliões regionais, graças aos “diabos brancos”.

Quanto à presença britânica no Rio de Janeiro, a documentação é tão escassa quanto o comportamento discreto destes estrangeiros. Por outro lado, ao investigar sobre as atuais instituições britânicas nesta cidade, deparei-me com uma sociedade organizada e unida pela língua inglesa, não importa a origem. A começar pela *British Commonwealth Society*, oficial, com notícias da Grã-Bretanha e informativos sobre eventos da comunidade no Rio de Janeiro. Por outro lado, na paróquia central da *Christ Church*, o registro do Cemitério dos Ingleses está disponível e digitalizado. Mas ainda falta arrolar os inúmeros dados do Registro de Entrada de Estrangeiros, dos Almanques Laemmert, além de periódicos, como o *Jornal do Commercio*. Já recorreremos a alguns relatos de viajantes além dos artigos afins, mas de outras áreas tais como das forças militares, da engenharia, da medicina.

Também há os traços urbanos que sobreviveram às inúmeras demolições a começar pelo cemitério na Gamboa em que podiam ser enterrados heréticos e infiéis, proibidos de repousar sob terra católica. Algumas construções – fábricas, vilas operárias, casario no estilo vitoriano nos bairros de Santa Teresa e no subúrbio serão considerados nesta pesquisa. Afinal, grande foi a influência do uso de janelas de vidro e do ferro na arquitetura urbana oitocentista, material importado da Grã Bretanha. Fora os inúmeros serviços como transportes – de bondes puxados a tração animal e depois elétrica além das ferrovias e trens a vapor; de iluminação – a gás e sua sucessora, a Light. Mais importante para a saúde urbana foi que, em meio aos surtos epidemiológicos de meados de oitocentos e súbito aumento de óbitos, em, 1843, o governo autorizou a

...contratar os serviços com John Frederic Russel ou outro qualquer (...) para fazer os serviços de limpeza das casas e do esgoto da águas pluviais. (...) Este contrato foi transferido em fevereiro de 1862, para a The Rio de Janeiro City Improvements Co. Ltd. constituída em Londres por Mr. Gotto.²⁰

Primeiro a empresa teve de aterrar uma área na Glória, realizar as obras de canalização sanitária e pluvial enquanto construíam a cen-

²⁰ Cf. sítio virtual da SEARJ – Sindicato dos Engenheiros e Arquitetos do Rio de Janeiro, acessado 17 de novembro de 2008.

tral do primeiro emissário sobre-marino, de onde as máquinas a vapor bombeavam os dejetos esgoto para um barco de onde eram enviados e despejados em alto mar. Os distritos para realizar o esgotamento foram divididos em três, as do Arsenal, da Glória e da Gamboa, prontas respectivamente, em 1864, 1865 e 1866. Embora tal melhoria sanitária melhorasse o cotidiano daqueles moradores, muitos se recusaram a aderir a este serviço posto que saía mais em conta manter os escravos no infame trabalho como “tigres”, a pagar pelos serviços sanitários. Assim, a cidade do Rio de Janeiro foi a segunda capital no mundo, após Londres, a dispor de serviços de esgoto sanitários e pluviais, uma das mais importantes obras públicas do 2º. Reinado.

Também há de se ressaltar a tradição associativista dos clubes para cultura, lazer e sociabilidade além dos diversos esportes importados de lá: hipismo, remo, golfe, futebol, tênis, squash, críquete. Basta arrolá-los que percebemos a rica herança sociocultural presente em certas áreas urbanas, e usufruídas tanto pelos humildes como pela elite carioca – dos estádios de futebol, o hipódromo, os campos de golfe, as festas e o gosto pelo convívio com a natureza nos arredores fluminenses. Mesmo assim, os estes britânicos mal zelaram pela sua memória no estrangeiro – belas edificações demolidas, estações e cemitérios abandonados, trilhos arrancados, legaram uma diáspora ensimesmada cuja discreta presença é quase imperceptível no entre os cariocas.

Afinal, por muito tempo, a historiografia brasileira condenou as melhorias materiais no cotidiano como perfídia do capitalismo industrial e financeiro imposto pelo estrangeiro. Por décadas, silenciou sobre o trauma que a infame economia escravista legou a milhares de africanos e seus descendentes, decorrente da ganância dos negociantes do tráfico, dos senhores da terra. Donos do poder de mentalidade autocrática com ares de uma nobreza comprada mediante títulos vendidos pela realeza brasileira a quem pudesse pagar...

Mas o senso comum ignora as inovações que o transporte ferroviário trazia tanto para as populações pobres como para os senhores de engenho, os barões do café: adequação ao horário do trem; mistura com outros segmentos sociais, quiçá menos nos vagões mas inevitavelmente nas estações... E assim, obras hercúleas de engenheiros britânicos e de centenas de trabalhadores – brasileiros, estrangeiros e mesmo escravos fugidos ficaram relegadas ao saque e às intempéries. São viagens encurtadas ou interrompidas por trilhos e dormentes roubados, túneis cobertos pela vegetação, imensas pontes de ferro e estações em ruínas... As ferrovias não serviram somente como elo entre a produção rural, o abastecimento urbano e a economia mundial. Serviram e

servem para integrar populações esquecidas nos confins, para unificar uma nação – mas para tal tem de haver um projeto político para tal.

Estranhamentos mútuos

O episódio narrado por Sieveking, convidado como padrinho da festa de batizado dos filhos do negociante Fröhlich, revela a sua indignação, junto com outros protestantes, em relação aqueles ritos do batismo católico e do almoço subsequente. A começar pelo pai que só levava as crianças para batizar quando a mais velha já tinha dois anos; a mãe, católica, pelos costumes do país, não pode acompanhar as crianças e assistir ao batismo na igreja. O ritual, que já começava na entrada do templo, fez as crianças, de “alma protestante”, se rebelarem contra os unguentos e a água benta jorrada sobre elas. A seguir, a família Fröhlich ofereceu um almoço opulento aos convidados, com todos os tipos de carnes, fartamente acompanhadas de *ravioli*, prato oferecido pelo sogro genovês e bem regado a vinho renano e a champanha. Nessas refeições festivas, as mulheres sentavam de um lado da mesa e os homens do outro; os serviços recebiam as mesmas regalias alimentícias dos visitantes, entre os quais havia alguns alemães que sequer haviam sido convidados. Sieveking passou a encarar o amigo não mais como patrício alemão, mas antes como um patriarca latino que, ao hospedar jovens negociantes bremenses recém-chegados à cidade, aumentava o número de agregados na casa à semelhança das fazendas.²¹

Ernesto Senna elaborou uma memória do comércio do Rio de Janeiro antigo com breve histórico de 23 empresas – portuguesas, francesas, italianas, alemãs e até suíças, além de britânicas²². Não obstante, somente mencionou somente duas inglesas – John Moore & Co, cujo dono interveio a favor do Brasil na Questão Christie; D. Norris, antiga Casa Roskell especialista em relógios e instrumentos náuticos e uma escocesa a Casa Clark famosa pelos seus calçados. Tal desproporcionalidade – 3/23, apesar da “invasão” de firmas insulares na corte imperial após o fim da clausura colonial e da abertura mercantil seria reflexo da quase ausência de fontes?

No que tange à vida cultural, Nelson Schapochinik cita que, em 1824 o viajante Ernest Ebel se referiu a uma “Sala de Leituras Birnie”, situada à rua Direita. Dois anos mais tarde, segundo consta da ata escrita num caderno encadernado em couro, 150 “cidadãos britânicos” do Rio de Janeiro se reuniram no Hotel Imperial para formalizar a instituição do *Rio de Janeiro British Subscription Library*. A sua fundação visava o funcionamento da mesma que deveria obter obras mais po-

²¹ LENZ, Sylvia Ewel, op. cit., p.170.

²² SENA, Ernesto. *O velho comércio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2006.

pulares em inglês para os assinantes, além da assinatura de diversos periódicos, conforme também confirmado em relato do reverendo Walsh que se referia a uma biblioteca circulante com bom estoque de publicações européias recentes. O catálogo de 1843 apresenta um acervo de 1787 obras, na maioria de ficção seguidas de relatos de viagens, científicas, de filosóficas, biográficas, históricas, além de algumas de poesia, religiosas e “miscelâneas”²³.

Quanto à educação, mediante anúncios no *Jornal do Commercio*, nota-se a presença de professoras de inglês, além de escolas particulares só para meninas, ou mesmo para ambos os sexos, a ponto de a letra cursiva ir gradualmente do tipo lusa, verticalizada, para inclinada, ao estilo da letra inglesa, conforme observado por Gilberto Freyre na obra citada anteriormente. Por outro lado, enquanto muitos não constituíam família tal fato devia-se pela condição temporária de sua estadia no país. Afinal, vinham desacompanhados, incumbidos de permanecer por determinado período no estrangeiro para cumprir com as exigências profissionais entre as famílias dos negociantes que enviavam os filhos para adquirir experiência comercial no exterior. Assim, restava-lhes substituir o aconchego de um lar pelo convívio com colegas em comum. Neste espaço associativo apreciavam refeições mais ao gosto dos nórdicos, discutiam negócios, distraíam-se com jogos de cartas e de bilhar. Além disto, dispunham de biblioteca multicultural com sala de leitura onde também havia jornais locais e estrangeiros, não só da Liga Alemã como da Inglaterra e França.

Diante da diversidade dos costumes religiosos, os britânicos, zelaram pelo destino dos mortos procurando adquirir uma área em que pudessem enterrar os seus corpos “desalmados” que de outro modo, careciam do direito de jazer em paz. Daniel Kidder relatou que, em meio à religião oficial da época, predominavam os rituais fúnebres católicos com diversos locais de sepultamento, dependendo das condições sócio-econômicas dos seus familiares. Brancos abastados eram enterrados dentro das igrejas, mais próximos de Deus; negros e brancos pobres procuravam afiliar-se a confrarias e irmandades para serem enterrados em seus cemitérios; os demais escravos eram jogados ao mar; os doentes falecidos na Santa Casa eram amontoados em vala comum, aberta diariamente, enterrados junto com indigentes.

Neste sentido, pode-se considerar que os britânicos, diante do quadro acima, preocuparam-se em garantir o descanso das almas de

²³ SCHAPOSCHINICK, Nelson. “Uma biblioteca desaparecida. The Rio de Janeiro British Subscription Library.” Versão adaptada do tópico da tese *Os jardins das delícias*, USP, PPGHistória Social. 1999.

seus súditos, com a fundação do Cemitério dos Ingleses, em 1811, ainda que sem capelania própria. Mas ressalte-se que os leigos da Igreja da Inglaterra podem, baseando-se no Livro de Orações Comum, realizar os ofícios na ausência do reverendo. Afinal, de simples marinheiros a negociantes prósperos, acabavam por ser jogados ao mar ou enterrados ao longo das praias. Assim, eles conseguiram junto a D. João VI, a concessão de um terreno para os seus mortos, seguindo o sóbrio padrão de seus cemitérios-jardim. Solidários aos não-católicos, permitiram o sepultamento de luteranos, huguenotes e quiçá, judeus: “Homens de posição eminente junto com cidadãos ingleses e norte-americanos desconhecidos, alemães, franceses, suecos e representantes da marinha mercante de quase todas as nações dormem aí o seu último sono”²⁴

Em 1816 chegava o primeiro reverendo, Robert Crane, realizando os ofícios nos navios surtos no porto e depois, na residência de Lord Strangford. Após 1820, passou a celebrar em templo construído para a Capelania Inglesa, dedicado a dois santos: Jorge e João Batista em deferência aos monarcas britânico e português, George III e D. João VI. Conforme relatos diversos, de início, a Capelania Inglesa também atendia aos demais protestantes até que estas constituíssem as suas próprias congregações. Na ausência de pastores luteranos, por exemplo, houve o apelo de um oficial para que o capelão atendesse às necessidades espirituais dos mercenários. Em 1822, por exemplo, o cônsul da Prússia, Theremin, solicitou o batismo de sua filha Louise Maria Brazilha ao capelão inglês por falta de um pastor luterano.

De acordo com os relatórios anuais da Igreja Evangélica Alemã, até a paróquia luterana e reformada se consolidar, ou quando padecia de crises internas ou da ausência de um pastor diplomado, alemães casados com brasileiras aderiram ao catolicismo, enquanto outros freqüentaram a capelania inglesa. Segundo memórias do pastor Hoepffner, aumentou a presença de estrangeiros e protestantes, e em consequência dos falecimentos, de corpos a serem enterrados. As epidemias tornam-se fatais para muitos deles, de modo que os ingleses restringiram o uso do seu cemitério por não britânicos ao cobrarem taxas abusivas. Em meados da década de 1850, os britânicos vetaram o enterro de outros estrangeiros de modo que em outubro de 1855 o Marquês do Paraná ofereceu uma área, no cemitério da Ponta do Caju, para o enterro de não-católicos.

²⁴ KIDDER, P.; FLETCHER, P. *O Brasil e os brasileiros*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed.Nacional, 1941, p. 228

Dar voz aos estrangeiros artífices implica em abordar um tipo de imigrante qualificado mas sem perspectiva diante da miséria que ficaram os europeus após as guerras napoleônicas. Afinal, foram duas décadas de caos político agravado pelo bloqueio econômico imposto sobre os negócios continentais com a Grã-Bretanha. A vida rural foi abalada em meio ao campo devastado, a colheitas e animais saqueados; nas cidades portuárias, negociantes falidos, no interior a produção estagnada pelo comércio interrompido. No norte da Alemanha, oficiais e soldados desempregados e famintos não tinham outra opção exceto aceitar o aliciamento pelo Imperador da antiga América portuguesa, para lutar em solo estrangeiro. No caso dos irlandeses, o aumento populacional, problemas na plantação de batatas reduziram o país a um terço da população, seja por morte ou emigração. Centenas acabaram aportando no Brasil, aliciados pelo Cel. Cotter, mediante promessas tanto para colonos como para alistamento no Exército do Imperador. Segundo Lemos, entre 29 de setembro e 23 de dezembro de 1827 onze navios rumaram para o porto do Rio de Janeiro, com um total 2.265 irlandeses embarcados²⁵, dos quais 17 eram oficiais, 1.436 homens, 303 mulheres e 303 crianças. Do total de 2.265 embarcados, houve 2.096 sobreviventes e 270 náufragos.

Famintos, maltrapilhos, doentes, ainda foram recebidos com insultos tanto pela população livre como pelos cativos, ambos referindo-se aos novos “escravos brancos”, conforme descrição do historiador John Armitage²⁶. Para completar, desconheciam o idioma, os hábitos, tendo de se adaptar ao clima inóspito, disciplina cruel, comida intragável, condições de alojamento inadequadas e soldos atrasados. Fora do aquartelamento, costumes e tradições diferentes, além disto, a implicância da população local contra aquele “exército de heréticos” – afinal a maioria, formada por alemães, era de luteranos avessos a se submetem aos dogmas e rituais da religião oficial do Estado brasileiro.

Lemos ressalta a injustiça cometida nos excessos de castigos sádicos, além das péssimas condições pelas quais passava a soldadesca tanto nos quartéis como nas batalhas ao sul do país, o que culminou em uma rebelião sem precedentes na capital. Os habitantes fecharam-se em suas casas enquanto aos luso-brasileiros foi autorizado confiar facções aos escravos para que combatessem os rebeldes. Pancadaria e chacinas deixaram a cidade em polvorosa a ponto de Pedro I ser obrigado a apelar para os serviços das marinhas britânica e francesa, surtas

²⁵ LEMOS, Cel. *Os Mercenários do Imperador*. Rio de Janeiro: Bibliext, 1996, p. 368.

²⁶ ARMITAGE, John. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia; São Paulo: EDUSP 1981..

no porto. Após este episódio brutal, o batalhão foi dissolvido, os responsáveis condenados, muitos expatriados. Alguns alemães permaneceram na cidade onde exerceram seus ofícios como artífices ou como professores, tradutores e empregados de escritório, enquanto vários alemães rumaram para São Leopoldo. A maioria dos irlandeses foi enviada de volta para a terra natal, em condição pior do que haviam saído de lá enquanto outros fundaram a colônia de Santa Januária, na Bahia. Alguns, que haviam morrido em campanha ou por causa de doenças, deixaram viúvas, como a serviçal irlandesa de Kidder, que por ter sido flagrada alcoolizada e provocando algazarra na rua, fora condenada a um mês de prisão pelo juiz de paz:

Morreu-lhe o marido, em cuja companhia chegara ao Brasil, e, sem recurso, viu-se ela na contingência de ganhar a vida por si mesma. De uma feita, tendo ido à cidade em visita a pessoas de suas relações, não voltou no prazo prometido. Não podíamos imaginar o que lhe teria acontecido. Dias mais tarde, veio, finalmente, ter à nossa casa uma carta escrita em inglês, em bela caligrafia e até mesmo com alguma elegância de forma, assinada com seu nome, dizendo que, por uma clamorosa injustiça da polícia, tinha sido recolhida à Casa de Correção, depois de lhe terem cortado os cabelos, obrigaram-na a carregar terra como escrava. Por fim, pedia-nos, pelo amor de Deus, que intercedêssemos pela sua liberdade²⁷.

Kidder se surpreendeu com a missiva, pois a irlandesa não sabia nem ler nem escrever, mas tempos depois soubemos que um “inglês de fina educação”, cujos vícios o degradaram a idênticas circunstâncias, havia servido como secretário para a irlandesa. Afinal, certos presos gozavam da liberdade de mandar buscar papel e tinta bem como de comprar comestíveis enquanto dispunham de dinheiro ou de crédito. Depois disso, a irlandesa recaiu nos braços de Baco durante os festejos natalinos tendo sido demitida por Kidder. Mas, como durante o tempo em que lá trabalhou a convenceram a poupar seus ordenados na Caixa Econômica (sic), ela dispunha de algumas economias para viver no ócio. Mas sem recursos, seguindo conselhos de outros amigos estrangeiros, anunciou-se como governanta no *Jornal do Comércio* :

... foram suas habilitações devidamente exaltadas, e dentro de poucos dias teve ela inúmeros pretendentes aos seus serviços. Quando apareceu novamente, em visita à nossa casa, Maria estava toda vestida de preto como uma freira; tinha sido elevada à alta categoria de despenseira de uma rica família brasileira. Trazia no cinto as chaves da despensa. Tinha autoridade sobre numerosos escravos e era freqüentemente convidada a

²⁷ KIKKER, Daniel. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, p. 94.

acompanhar as senhoras à igreja. Com que prudência portou-se ela nessa destacada posição, não nos foi dado saber. É de se presumir, entretanto, que a lembrança da Casa de Correção lhe deva ter sido útil com relação à guarda dos vinhos sob seu cuidado²⁸.

Ora, aqui percebemos súditos britânicos sujeitos à justiça brasileira, apesar da presença do Juizado Inglês e de Lemos ressaltar certas melhorias conseguidas pelo cônsul britânico em prol dos mercenários irlandeses mas negadas aos alemães, posto que careciam de um forte representante que interviesse ao seu favor. É interessante notar tais ambigüidades posto havia uma luta, no Parlamento inglês, para ceder direitos de cidadania aos súditos católicos. Por não serem cidadãos, os irlandeses leais ao Papa ficavam relegados à legislação brasileira.

Enfim, esta pesquisa foi iniciada apesar da escassez bibliográfica e documental mas, a contribuição de literatos, de memorialistas das áreas militar, ferroviária, sanitária e ambientalista com seus trabalhos acadêmicos e profissionais específicos, tem sido valiosos para esta. Ao inseri-los na conjuntura histórica e conectá-los entre si, associando-os com dados documentais, há de se obter uma percepção mais acurada do cotidiano de ingleses, escoceses e irlandeses na capital do Império Brasileiro.

²⁸ Ibidem, pp 95-96.